



## **O USO DOS E-READERS COMO CONTRIBUIÇÃO ÀS PRÁTICAS FOCAIS: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Bruno Carvalho de Melo Rodrigues  
Mary Vonni Meürer de Lima  
Richard Perassi Luiz de Sousa  
Berenice Santos Gonçalves

**RESUMO:** Este artigo procura descrever e interpretar o significado do uso dos e-readers na sociedade, à luz da fenomenologia de Borgmann (1984). Como metodologia foi realizada uma revisão teórica de autores que abordam os pensamentos deste filósofo, a tecnologia na sociedade contemporânea e o advento dos livros eletrônicos e seus dispositivos específicos de leitura. Partindo destas referências conclui-se que os e-readers podem ser usados em função das práticas focais, conforme recomenda Borgmann.

Palavras-chave: filosofia, fenomenologia, tecnologia, e-readers.

**ABSTRACT:** This article aims to describe and interpret the meaning of the use of e-readers in society, based on the Borgmann's phenomenology. The methodology used was a theoretical review about authors who address studies of Borgmann, technology in contemporary society and the advent of electronic books and its specific reading devices. From these results it was concluded that e-readers can be used according the focal practices, as recommended by Borgmann.

Keywords: philosophy, phenomenology, technology, e-readers.



## 1 INTRODUÇÃO

Para Borgmann (1984, apud CUPANI, 2004) a tecnologia é um modo de vida que cresce em detrimento das práticas focais, pois está a serviço de qualquer propósito, em que as pessoas não têm compromisso algum com eles, fazendo perder o contexto social, cultural e ecológico das coisas. É uma forma moderna da apropriação da técnica tradicional, mas que transforma tudo em um "dispositivo".

Com a ascensão da digitalização e das mídias digitais, potencializados pelo uso de dispositivos móveis por parte dos leitores ubíquos, os e-readers tomaram frente de um processo tradicional de leitura de livros. Essa tradição na leitura pode estar sendo perdida devido ao paradigma da tecnologia, que promete aos consumidores uma “vida mais rica”, pelo fato de possuírem um produto instantâneo, ubíquo, seguro e fácil. Com a perda das práticas focais, que envolvem as pessoas em um sentido mais profundo, a sociedade parece caminhar para um destino sem sentido. Para incrementar este fator, a publicidade apresenta o glamour da atitude tecnológica, que pode satisfazer as ânsias e desejos das pessoas. Porém, esses dispositivos são descartáveis e substituíveis por outros melhores, fazendo com que o homem corra em círculos, nunca atingindo um fim.

Uma solução a este ambiente é proposta por Borgmann ao afirmar que tecnologia deve servir para realçar o caráter das práticas focais e, assim, obtendo-se uma vida com mais sentido.

## 2 O PARADIGMA DA TECNOLOGIA NA SOCIEDADE MODERNA

Borgmann (1984) entende tecnologia como um modo tipicamente moderno do homem lidar com o mundo, chegando a ser um “paradigma” ou um “padrão” característico e limitador da existência humana, que se tornou tão intrínseco à vida cotidiana, que passa sem ser percebido. Essa visão difere de Bunge, que entende tecnologia como uma forma mais evoluída e potente da técnica, graças à sua associação com a ciência. Já para Borgmann, o avanço científico foi imprescindível para o surgimento das invenções tecnológicas, contudo, a ciência por si só não



pode fornecer um rumo, nem explicar por que a tecnologia tem chegado a ser um modo de vida (CUPANI, 2004, p. 501).

O autor fundamenta seus estudos pela fenomenologia, pois afirma que é a única abordagem que trata a tecnologia em todas as suas especificidades, e, principalmente, por que não a observa como consequência de fatores sociais, políticos ou ecológicos. Para o autor, é preciso reconhecer na tecnologia um fenômeno básico, que tem sua formação na existência de dispositivos (devices) que fornecem produtos (commodities), ou seja, bens e serviços. (CUPANI, 2004, p. 500).

Segundo Borgmann (apud CUPANI, 2004), o mundo dos dispositivos é um mundo de meros meios, sem fins últimos, e assim define-se a diferença entre técnica e tecnologia. Enquanto a técnica é algo tradicional, inserida em um contexto social, cultural ou ecológico, a tecnologia é universal, uma apropriação da técnica tradicional, tornando-a apenas um meio, um instrumento para alguma finalidade, independente do contexto em que está inserido.

Para demonstrar a verdadeira índole da tecnologia, o autor faz um hiato entre dispositivo e coisa. Tomando como base o Dicionário Básico de Filosofia (2001), pode-se definir coisa como:

Coisa (do lat. causa) I. Tudo aquilo que possui uma existência individual e concreta. Sinônimo de objeto, portanto realidade objetiva, isto é, independente da representação. Nesse sentido, a coisa se opõe à idéia (sic). 2. Em Descartes. a coisa é sinônimo de substância, de algo que existe por si mesmo. Ex: a "coisa pensante" ou alma (res cogitans), a "coisa extensa" (res extensa). Em Kant a coisa em si designa aquilo que existe independentemente do espírito e do conhecimento que este tem dela, sendo em si mesma incognoscível. Ele a denomina númeno. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 38).

Borgmann afirma que as práticas focais – como tocar um instrumento musical (melhor se acompanhado de outras pessoas), caminhar em contato com a natureza relativamente virgem, comer em família ou pescar por esporte – constituem exemplos que dirigem a atenção das pessoas para coisas (a mesa familiar, o instrumento musical, a natureza), que são fins em si mesmos, ou seja, possuem uma existência individual e concreta, ou, ainda segundo o dicionário supracitado, “algo que existe por si mesmo”.



(...) não são elementos que podem ser colocados ao serviço de qualquer propósito, mas que reservam um propósito próprio. São coisas com que nos comprometemos e que remetem a um contexto social, cultural e ecológico. São coisas profundas, vale dizer, coisas cujos traços são todos, ou na sua maioria, significativos. E são, em resumo, coisas que reconhecemos e respeitamos em seu próprio direito (BORGSMANN, 1984 apud CUPANI, 2004, p. 503).

Em contraste, existe a atitude tecnológica, em que universo humano perde coisas e práticas focais para passar a ser constituído apenas por dispositivos que se produzem, usam ou se consomem. É um universo onde não só objetos naturais ou artificiais perdem seu foco, mas também os objetos sociais e culturais, como governo e educação, que são levados em consideração apenas como meios para fins circunstanciais (CUPANI, 2004, p. 504).

A lógica do produto e do consumo, meta declarada do empreendimento tecnológico, teve seu início com a modernidade e a industrialização, impulsionada pela filosofia iluminista. Foi o período em que a aspiração maior era pela liberdade do homem da fome, da insegurança, da dor, da labuta e pelo enriquecimento da sua vida, física e culturalmente. Sem esse afã de libertação “não se pode entender o padrão da tecnologia que, à maneira de um molde, foi dando forma à sociedade humana nos países industrialmente desenvolvidos” (CUPANI, 2004, p. 501). Por isso, Borgmann justifica que não se deve entender a tecnologia apenas pelo seu aspecto dominante da natureza e associação com a ciência. Antes de tudo, deve-se entendê-la como um “modo de vida”.

Existem outras características dos dispositivos, segundo Borgmann (apud CUPANI, 2004), reflexos do paradigma tecnológico: a) dispositivos são um meio para algo, em que sua função (objetivo) é conhecida pelo usuário, mas seu maquinário (a forma como funciona) é geralmente incompreendida por ele. É como acontece com o computador; b) Mediante a sua função, um dispositivo nos “alivia” (disburdens) de um esforço, nos liberta de um “peso”, resolve alguma dificuldade; c) diferentes dispositivos podem oferecer o mesmo produto, pois dispositivos tem equivalentes funcionais, por exemplo, vários dispositivos podem fornecer calor; d) caracteriza-se por tornar disponível o produto correspondente. Essa “disponibilidade” significa que os produtos podem ser consumidos de maneira instantânea, ubíqua, segura e fácil. Borgman acrescenta que uma forma de tornar os produtos disponíveis é tornando-os descartáveis e seu cuidado desnecessário; e) os dispositivos carecem de contexto, usados para



diversos fins e combinados entre si sem restrições. Eles são ambíguos, sendo assim, a relação humana para com eles é de falta de compromisso (engagement).

Nesse aspecto, fica retratada a superficialidade dos produtos perante os consumidores, quando estes trocam produtos, que não estão mais na moda, por outros “melhores”. Borgmann comenta que em nenhum aspecto de nossa vida essa relação fica tão evidente quanto na propaganda, pois o apelo constante e sistemático ao consumo de dispositivos aparece nas combinações mais insólitas, como carros associados a obras de arte, símbolos religiosos misturados a figuras sensuais, etc, acentuando a superficialidade dos dispositivos (CUPANI, 2004, p. 502).

As relações de trabalho também se modificam na lógica do empreendimento tecnológico.

À diferença do trabalho (work) tradicional, que estava inserido numa rede social e cultural e que dava sentido à vida do homem trabalhador orientando-o na natureza, na cultura e na sociedade, o labor tecnológico se reduz à produção e manutenção das maquinarias que fornecem os artifícios. Ou então, à produção de artifícios como meios de lazer. Este último, à diferença do prazer que eleva, refina ou enobrece a vida humana (quer se trate de uma leitura, do prazer de uma refeição entre amigos ou da contemplação de uma bela paisagem), se reduz ao consumo indefinido de produtos tecnológicos, ficando cada vez mais dissociado de qualquer preocupação com a excelência da vida pessoal. (CUPANI, 2004, p. 504).

Segundo Borgmann, a vida ditada pelo paradigma tecnológico é explicada em parte pelo glamour. A tecnologia fascina o homem prometendo uma “vida mais rica” graças à afluência de dispositivos, respondendo às impaciências, aos desejos e às vontades do ser humano, porém, ele acaba preso neste universo, muitas vezes devido à sua ânsia e insatisfação constante, e pelo fato de não imaginar mais viver em um mundo sem tecnologia. Torna-se um ciclo vicioso.

Contudo, não bastando apenas criticar a tecnologia, o autor propõe mudanças.

Uma reforma que parta do reconhecimento do “paradigma da tecnologia” e da importância daquilo que ele vai nos fazendo perder: coisas e práticas “focais”. A argumentação em favor de uma tal reforma não pode ser demonstrativa, à maneira das ciências, nem tampouco paradigmática, como o foi a descrição do paradigma tecnológico, mas dêitica ou “mostrativa”, baseada naquelas experiências de coisas que possuem valor e direito de existir em si mesmas (e não como meros meios) e no testemunho que se pode dar delas. A explicação dêitica não é concludente (cogent), mas apelativa, e pode ser sempre contestada (BORGSMANN, 1984 *apud* CUPANI, 2004, p. 506).



A reforma busca recuperar a “vida boa”, bem como as práticas focais e suas coisas do contexto social, contudo, sem rejeitar a tecnologia (algo que já se tornou impossível), mas fazendo com que os dispositivos façam parte do contexto das práticas focais, constituindo fins em si mesmos para as pessoas e comunidades. Nas palavras do autor, “uma prática focal gera uma atitude inteligente e seletiva para com a tecnologia. Ela conduz a uma simplificação e perfeição da tecnologia contra o pano de fundo do interesse focal da pessoa, e a um uso reflexivo dos produtos tecnológicos no centro da prática da pessoa”. (BORGSMANN, 1984 apud CUPANI, 2004, p. 506).

Entre os diversos dispositivos tecnológicos em uso na atualidade este estudo tem como foco de análise os e-readers e sua relação com a leitura como prática focal.

### 3 E-BOOKS, E-READERS E AS MUDANÇAS NA LEITURA

O dicionário Houaiss define livro segundo a forma e o conteúdo:

1 coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura, etc., formando um volume que se recobre de capa resistente. 2 livro (cap. 1) considerado tb. do ponto de vista do seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc. que constitui um volume [Segundo as normas de documentação da ABNT e organismos internacionais, o livro é a publicação com mais de 48 páginas, além da capa].

Barbier, 2008 (apud PINSKY, 2013a) observa que a origem da palavra livro nas línguas latinas deriva de liber, termo que remete à película de uma árvore que fica entre a casca exterior e a madeira e que teria servido como suporte da escrita. Nas línguas germânicas, o termo original vem do antigo alemão: bokis (faia, uma árvore), derivando para book (inglês) e buch (alemão). No idioma grego o termo livro também tem sua origem no material, derivando de biblos, que corresponde ao nome do papiro do Egito.

Com o surgimento dos e-books ou livros eletrônicos, tanto a forma quanto o material mudam e o conteúdo pode ser ampliado. O livro deixa de ser um objeto em si e passa a ser um conteúdo a ser moldado em diferentes formas. (PINSKY, 2013a)



A definição de livro eletrônico apresentada na enciclopédia britânica refere-se a dois processos de criação, a conversão de arquivos feitos originalmente para livros impressos, mas também a partir de um conteúdo próprio, que não tenha sido criado para a impressão.

Paiva (2010) ao definir o e-book faz referência também aos dispositivos de leitura, ao custo e a forma de distribuição

Um e-book [...] é um livro em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs [Personal Digital Assistant ou computador de bolso] ou até mesmo celulares que suportem esse recurso. O e-book quer tornar-se um método de armazenamento de pouco custo e de fácil acesso devido à propagação da internet. Pode ser vendido ou até mesmo disponibilizado free para download em alguns portais de internet (PAIVA, 2010 p. 84-85).

Os dispositivos citados pela autora possuem outras funções, mas também podem ser usados para a leitura de livros eletrônicos por sua praticidade e conveniência, mas como algumas limitações em relação ao livro impresso como a portabilidade e a sensação de leitura. Em busca de suprir estas necessidades foi desenvolvido um dispositivo específico, o e-reader. Segundo Santaella (2013),

O e-reader é um dispositivo eletrônico portátil voltado para a leitura de livros e periódicos digitais. [...] Por não utilizar a iluminação típica da tela de cristal líquido, mas a tinta eletrônica ou papel eletrônico, a sensação de leitura é muito semelhante à do papel, pois o papel eletrônico reflete luz à maneira do papel comum, permitindo a leitura à luz do sol (SANTAELLA, 2013, p. 200).

A leitura feita hoje em sistemas eletrônicos como o computador e os e-readers, aproxima-se mais do pergaminho ou volumen usado na Antiguidade do que o códice, popular a partir dos séculos III e IV. Assim como no pergaminho o movimento de leitura na tela é o de “rolar o texto” e não folhear, por mais que alguns aplicativos procurem simular este movimento. Porém, é importante observar que a possibilidade de interação e não-linearidade que as tecnologias atuais oferecem não eram de forma alguma contempladas pelos antigos pergaminhos, mas em partes pelo códice. (PINSKY, 2013a)

As mudanças ocorridas nos sistemas de leitura, do pergaminho ao digital, aliadas a fatores sociais e culturais influenciaram o leitor ao longo da história. Neste contexto Santaella (2013) classifica os leitores em quatro tipos: o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo.



Segundo a autora o leitor contemplativo é o leitor individual, que se debruçava sobre os livros nas silenciosas bibliotecas antes da revolução industrial. Havia tempo para ler e reler estas obras imutáveis.

O leitor movente surge com a modernidade, com as metrópoles, a aceleração do capitalismo e a Revolução Industrial que trazem um novo cenário para o mercado editorial. A impressão mecânica de livros, jornais e revistas coloca ao alcance de todos informações fragmentadas e fugazes que requerem um leitor rápido, em busca de novidades, mas de memória curta.

A terceira geração de leitores é classificada por Santaella (2013) como a do leitor imersivo. Este novo perfil navega por uma estrutura hipertextual, conectando nós e estabelecendo a sua própria ordem de leitura.

Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multisequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com nós que transitam entre textos, imagens, documentação, música, vídeo, etc. (SANTAELLA, 2013).

A autora aponta o surgimento do quarto tipo de leitor a partir das transformações ocorridas nos últimos dez anos. Este novo leitor é denominado como ubíquo, pois é capaz de interagir tanto no espaço físico quanto no ciberespaço. “Portanto, o que estou chamando de leitor ubíquo não é outra coisa a não ser uma expansão inclusiva dos perfis cognitivos dos leitores que o precederam e que ele tem por tarefa manter vivos e ativos” (SANTAELLA, 2013).

#### 4 O USO DOS E-READERS EM FAVORECIMENTO DAS PRÁTICAS FOCALIS

A expansão do campo literário é resultante da ação das mídias digitais, estas provenientes da digitalização das coisas ao longo das últimas décadas. O vocabulário binário foi se expandindo crescentemente, ao ponto em que podem ser digitalizados diferentes tipos de informação, além de palavras, como imagens de todas as espécies, áudio e vídeo, reduzindo-os também a “uns e zeros”. (SANTAELLA, 2013, p. 190).





Um dos aspectos mais significativos da evolução digital foi o rápido desenvolvimento da multimídia, que produziu a convergência de vários campos midiáticos tradicionais. Foram fundidas, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores e programas informáticos), produzindo o que passou a ser chamado de “convergência das mídias” (...). Ao mesmo tempo, o computador passou a ser chamado de metamídia, a mídia das mídias. (SANTAELLA, 2013, p. 190-191).

Conforme foi apresentado, a tecnologia permitiu que a literatura fosse transformada em dígitos e, com o advento da tecnologia móvel, foi possível criar livros eletrônicos possíveis de serem lidos em dispositivos.

É possível fazer uma associação entre as características dos dispositivos de Borgmann com os e-readers.

a) Os e-readers são um meio para algo, cuja função de leitura é conhecida pelo usuário, porém, seu maquinário (a tecnologia e-ink dos e-readers dedicados, por exemplo) é incompreendida por ele;

b) Os e-readers permitem carregar até mil e-books de uma única vez em sua memória. Ou seja, a partir de um aparelho leve e portátil, é possível ter acesso a vários livros a qualquer hora em qualquer lugar, assim, aliviando um esforço e resolvendo uma dificuldade. Essa “disponibilidade” significa que os e-books podem ser consumidos de maneira instantânea, ubíqua, segura e fácil.

c) Existem diferentes tipos de e-readers no mercado, cada um mais ou menos avançado tecnologicamente, mas são equivalentes funcionais, pois podem oferecer o mesmo produto principal, que é a leitura;

d) os e-readers carecem de contexto, são ambíguos, sendo assim, a relação humana para com eles é de falta de compromisso. Quando achar necessário, o consumidor poderá trocar seu aparelho por outro mais avançado, retratando a superficialidade dos produtos;



e) A tecnologia fascina o homem prometendo uma “vida mais rica” graças à afluência de dispositivos, a ponto de formar o paradigma de quem tem um iPad ou Kindle Fire tem mais glamour na sociedade.

Considerando os e-readers como os dispositivos da atitude tecnológica, pode-se concluir, à luz de Borgmann, que eles podem comprometer as práticas focais da sociedade, destruindo contextos sociais, culturais e ecológicos.

Estes dispositivos podem ser colocados a serviço de qualquer propósito, em que as pessoas não têm compromisso algum com eles. Os livros eletrônicos são “baixados” e armazenados, podem se facilmente transferidos de um computador para outro, bem como pirateados e alterados. Os e-readers não são um fim em si mesmos, portanto, não são coisa alguma. São dispositivos que são produzidos, usados e consumidos, como meios para servir a lógica do mercado e da publicidade, a fim circunstancial. “É um universo onde não só objetos naturais ou artificiais perdem seu foco, mas também os objetos sociais e culturais”.

Mas Borgmann sugere uma reforma a esta situação. Pode-se afirmar que é possível conceber uma utilização da tecnologia e dos seus aperfeiçoamentos, na medida em que permita e favoreça qualquer prática focal. Continuar lendo para as crianças antes de dormir com os e-readers pode ser um exemplo mínimo da utilização da tecnologia para engrandecer uma prática focal.

Visto assim, a tecnologia realça o caráter de tais práticas, em vez de soterrá-las, como acontece quando se vive em cumplicidade com ela.

Quando o homem desvia o foco das “coisas”, que tem um fim em si, em função de um dispositivo sob a lógica tecnológica e mercadológica, pode-se considerar que ele torna a realidade menos humana. Em contraste, se o mesmo homem utilizar a tecnologia como meio para que práticas humanas sejam engrandecidas, os frutos serão uma vida com mais sentido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os e-readers sob a filosofia de Borgmann conclui-se que o dispositivo em si não representa uma ameaça para a sociedade nem tampouco para o livro e o hábito da leitura. Essa nova tecnologia pode contribuir para as práticas focais, desde que seja usada como um meio para algo e não como um fim em si mesma.

Entre os aspectos positivos dos e-readers destaca-se a possibilidade de unir diversas formas de comunicação aliadas ao hipertexto, oportunizando uma nova proposta de leitura, não necessariamente mais rica ou substitutiva, mas diferenciada.

Cabe ao homem saber apropriar-se deste novo dispositivo usando-o para favorecer as práticas focais, ou seja, em função das suas reais necessidades e expectativas. Para tanto é necessário questionar o que essa, e qualquer outra tecnologia, pode oferecer de novo para a sua vida e para o contexto social. A tecnologia não deve, portanto, afastá-lo dos seus interesses e sim integrar-se a eles.



## REFERÊNCIAS

BORGMANN, A. **Technology and the character of contemporary life**. A philosophical inquiry. Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 1984.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**. Portal Ciência e Vida. In: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/63/artigo239056-2.asp>. Acesso em: 15/06/2014.

CUPANI, Alberto. **A tecnologia como problema filosófico: três enfoques**. Scientiae Studia, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004.

EBOOK. Enciclopédia Britânica. Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/1235205/e-book>. Acesso em 19 de junho de 2014.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André. **Dispositivos de Leitura Eletrônicos**. In: Revista Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/239/234>. Acesso em: 20 de junho de 2014.

MARTINS FILHO, Plínio. O Futuro do Livro Impresso e as Editoras. In: LIVRO - **Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**. v. 1. São Paulo: Edusp, 2011.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica, São Paulo: Edusp, 2010.

PEREIRA, Djalma Gonçalves. **A abordagem fenomenológica de Albert Borgmann**. Síntese de Djalma Gonçalves Pereira. In: <http://colociocastellscupani.blogspot.com.br/2011/05/abordagem-fenomenologica-de-albert.html>. Acesso em 15/06/2014.

PINSKY, Luciana. Os editores e o livro digital: O que está sendo feito e pensado em tempos do incunábulo digital. In: LIVRO - **Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**. v. 3. São Paulo: Edusp, 2013a.



\_\_\_\_\_. **Do papel ao digital:** como as novas tecnologias desafiam a função do editor de livros de história. 2013. 178 pp. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013b.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.